ANO IV * N.º 530 * SÁBADO * 28 DE OUTUBRO DE 1978 TRISSEMANARIO NACIONAL * PREÇO 5,00 PESOS

NÔ PINTCHA

UNIDADE LUTA PROGRESSO

ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFONES: 3713/3726/3728 — BISSAU

Aristides Pereira deixa Luanda

REAFIRMADO O APOIO À LUTA DOS POVOS DA ÁFRICA AUSTRAL

Apoio sem reservas à luta dos povos da Namíbia, do Zimbabwé e da África do Sul, contra os regimes do racismo e do apartheid, por uma liberdade e independência real dos povos respectivos, foi reafirmado pelo Presidente da República de Cabo Verde, camarada Aristides Pereira, em visita oficial a Luanda. Discursando durante a recepção oferecida em sua honra pelo presidente angolano, Agostinho Neto, o Secretário-Geral do PAIGC sublinhou que C.V. é um firme e consequente defensor da política do não-alinhamento, da autodeterminação e da independência dos povos, do respeito pela soberania, e integridade territorial e dos Estados, da coexistência pacífica das nações. **«O nosso país é um adversário implacável da agressão e da ingerência nos assuntos internos dos outros países»**, disse o camarada Aristides Pereira.

O Presidente caboverdiano chegou a Luanda na tarde de segunda-feira, à frente de uma delegação governamental, para uma visita

(Continua na pág.ª 8)

Visita presidêncial à Libéria

Apelo à consolidação da unidade e solidariedade africanas

O Presidente Luiz Cabral regressou ontem à tarde ao país, no termo de uma visita de amizade e de trabalho, de 24 horas, à Libéria, a convite do seu homólogo, Sua Excelência William Tolbert Júnior. Um comunicado conjunto foi assinado pelos dois presidentes, no final da visita, no qual se preconizam o reforço de cooperação e o desenvolvimento das relações de amizade entre a Guiné-Bissau e a Libéria, a importância da cooperação económica regional e, por outro lado, a condenação da política racista da África do Sul e o apoio dos dois países aos movimentos de luta de libertação na África Austral, SWAPO e Frente Patriótica.

O camarada Presidente Luiz Cabral, nas declarações prestadas à sua chegada ao aeroporto de Bissalanca, congratulou-se pelo calor e amizade com que foi recebido, assim como a delegação que o acompanhava, pelo seu «amigo e irmão Presidente Tolbert», a quem formulou um convite para visitar o nosso país. O convite foi aceite e a data

(Continua na pág.ª 8)

José Araújo regressou

Reforço da cooperação PAIGC-PCUS

«Temos a convicção de que, pela compreensão que encontrámos da parte dos dirigentes soviéticos em relação aos nossos problemas, a cooperação entre o PAIGC e o PCUS, entre a Guiné-Bissau e Cabo Verde e a União Soviética, vai reforçar-se, traduzindo-se numa contribuição ainda maior daquele país amigo ao nosso esforço de desenvolvimento», declarou no seu regresso a Bissau o Secretário Executivo do Comité Executivo de Luta do PAIGC, camarada José Araújo.

(Continua na página 8)

Iniciou-se o plano de emulação patriótica em três centros do país

A UNTG seleccionou já, através do seu departamento especializado, os três primeiros centros experimentais do plano de Emulação Patriótica no nosso país: Cicer, Estrela do Mar e Hospital Simão Mendes, numa reunião realizada ontem na sede da nossa Central Sindical e que registou a participação dos Comités Sindicais e Direcções Administrativas.

A reunião, que decorreu de forma bastante animada, e durante a qual se fez a entrega das actas de compromisso que cada trabalhador irá preencher, foi a conclusão de uma outra que se tinha realizado anteontem, sómente com os Comités Sindicais dos referidos centros, na qual se abordaram os seguintes temas: o que é a Emulação Patriótica, como se vai desenvolver nesta primeira fase, e o trabalho voluntário como sua parte integrante.

Este passo dado significa o início de uma das tarefas mais importantes da UNTG e dos Comités Sindicais, pois a Emulação Patriótica representa a participação activa dos trabalhadores no desenvolvimento económico do país. A Emulação tem entre as suas funções, impulsionar os planos de produção e serviços e, reconhecer os êxitos e os esforços dos trabalhadores.

TRABALHO PRODUTIVO NAS ESCOLAS

Centrais

Síria-Iraque Reconciliação depois de cinco anos

BAGDAD — As conversações, as primeiras depois de cinco anos, entre o presidente da Síria, Hafez Assad e o presidente do Iraque Ahmed Hassan Al Bakr terminaram em Bagdad. Esta tentativa de reconciliação sírio-Iraquiana marcada pela visita a Bagdad onde chegou na terça-feira, do presidente Hafez Al Assad, parece ser a consequência directa de um eventual tratado de paz separado entre Israel e o Egipto.

O comunicado oficial publicado em Damasco é claro: «Esta visita faz parte dos esforços árabes visando contrabalançar a reconciliação israelo-egípcia e a defrontar a vontade israelita de impôr uma capitulação à Nação árabe».

Esta vontade, que levou à reconciliação dos partidos BAAS do Iraque e da Síria ilustrada pela decisão anunciada domingo em Damasco, de reabrir as fronteiras terrestre e os espaços aéreos dos dois países encerrados há dois anos antes mesmo dos seus diferendos terem sido profundamente discutidos. (FP)

Dos leitores

Crónica de Bolama

Visita à tabanca de cassequé

Por feliz coincidência, encontrei há dias na Avenida Amílcar Cabral, em Bolama, um velho amigo da povoação de Cassequé.

Depois dos cumprimentos habituais, fez-me a seguinte pergunta:

Que mal te fizemos para que não nos visites Como não esperava tal pergunta,há tanto tempo? balbuciei algumas palavras de desculpa e prometi ir visitá-lo o mais breve possível.

Como quem promete fica em dívida, na passada segunda-feira fui visitá-lo. Cheguei à tabanca por volta das oito horas. Antes, porém, de contactar com algum dos habitantes, percorri toda a tabanca e confesso a minha surpresa pelo asseio da rua que passa pelo meio da povoação, e, particularmente nos arredores das casas. Dirigi-me depois para a casa do amigo que me tinha convidado, e lá fui informado por um dos filhos que o pai não se encontrava em casa, mas sim na lavoura com outros familiares.

Indicou-se o local e eu para lá fui.

Durante o percurso, parei algumas vezes, não pelo cansaço, mas sim para admirar as grandes extensões de terreno cultivados. E que bonitas elas estavam! Junto às casas, milho; mais além, mandioca e batata doce e, ainda mais distante, mancarra.

Depois de ter percorrido tudo isto cheio de admiração pelo trabalho feito à base de grande esforço, pois tudo era trabalho braçal, encontrei o meu grande amigo e seus familiares, dentro de uma bolanha, num trabalho verdadeiramente duro: o cultivo do arroz. Se todas as outras terras cultivadas estavam bonitas e prometedoras, o arroz suplantava-as de longe. Proporcionava um lindíssimo aspecto, prometedor de boa colheita.

Conversámos durante algum tempo. Todos estavam optimistas, pois as colheitas prometem ser compensadoras. Passado algum tempo, chegaram duas «bajudas» portadoras da refeição. Fui convidado e aceitei. Pois além de sentir aquela vontade de comer, a comida estava bem confeccionada e era abundante tanto em arroz como em «Mafé».

Passados uns escassos minutos, apareceu outra bajuda com uma vasilha que depois vim a verificar que se tratava do indispensável vinho de cajú. As horas passavam e o calor cada vez mais se fazia sentir. Tive que lhes dizer que precisava de regressar, embora a minha vontade fosse de permanecer por lá mais algum tempo. E lá os deixei novamente entregues aos trabalhos agrícolas com aquela vontade férrea de trabalho e uma enorme alegria por as colheitas serem de facto prometedoras.

Ainda bem que assim acontece, e fazemos votos para que, nos próximos anos, o factor tempo ajude os lavradores para bem de todos nós.

De alguém que ama de coração esta ilha.

O país

A Guiné-Bissau na Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos

Após ter representado o nosso país num encontro internacional de jovens escritores afro-asiáticos realizado recentemente na cidade de Tachquent (URSS), em celebração do 20.º aniversário da primeira conferência do Movimento dos Escritores Afro-Asiáticos, regressou a Bissau, na semana finda, o camarada Helder Proença, jovem poeta e membro do Secretariado Nacional da JAAC. Esta conferência, que decorreu de 9 a 15 do corrente mês, contou com a presença de delegados de 31 países da África e Ásia, de 15 países convidados da África, América e Europa, além de representantes de diversas organizações internacionais.

Os temas principais debatidos nesta conferência foram a análise dos 20 anos de existência desta organização, e o papel dos escritores no mundo contemporâneo. Por outro lado, foi preparada a sexta conferência dos escritores afro-asiáticos, que decorrerá em Luanda (Angola), em Junho-Julho do próximo ano. Constituiu-se também um secretariado provisório e elegeu-se um secretário-geral interino, além de se ter criado uma comissão para a constituição de um juri para a atribuição do prémio «Lotus» (nome de uma revista do Movimento dos Escritores Afro-Asiáticos).

De uma maneira geral — conforme disse o camrada Proença — **«os trabalhos da conferência decorreram da melhor maneira. Ao longo dos encontros realizados, tivemos oportunidade de contactar com várias personalidades literárias, e também de expôr junto aos órgãos de imprensa a situação literária na Guiné-Bissau. Através dos contactos com organizações de escritores de diversos países, conseguimos permuta de experiências que futuramente, nos irá servir no nosso trabalho de criação da união dos Escritores de Moscovo, Guiné-Bissau. Entre as organizações contactadas, devemos realçar o encontro com o secretário da União dos Escritores de Moscovo, e com um membro da União de Essritores e Artistas de Cuba».**

O secretariado provisório, que foi criado durante a reunião do Comité Executivo do MEAF, integra representantes da Palestina, do Paquistão, da PRSS, do Vietnam, de Moçambique e do Senegal. Para o cargo de secretário-geral interino foi eleito o escritor Alex Laguma, eminente personalidade da literatura sul-africana, contemplado com o prémio «Lotus» em 1969; actualmente representante permanente do Partido do Congresso Nacional Africano (África do Sul), para a América Latina.

A concluir as suas dclarações, Helder Proença disse: **«tendo em conta os esforços e realizações positivas desta organização bi-continental, estamos convencidos que ela virá a constituir um dos baluartes seguros na criação e defesa das condições objectivas da unidade cultural entre os nossos continentes, contra todos os factores de degradação e aviltamento da pessoa humana que o imperialismo utiliza contra os direitos inalienáveis dos povos à independência e ao progresso social».**

Cerveja e refrigerantes só para fins de Novembro

A escassez, no stock da Cicer, do ácido sulfúrico uma das componentes para o fabrico da cerveja, tem provocado nos últimos dias o racionamento deste produto em todo o país.

O ácido sulfúrico foi encomendado há mais de quatro meses a Portugal, o Banco Nacional da Guiné autorizou já a transferência e o pagamento ,mas este produto ainda se encontra no cais, em Lisboa, devendo chegar a Bissau provavelmente no dia 2 de Novembro. Segundo um responsável da Companhia Industrial de Cervejas e Refrigerantes este atraso deve-se à recente greve da marinha mercante portuguesa.

Entretanto, assim que o ácido sulfúrico chegue ao país iniciar-se-á o fabrico da cerveja mas, como leva cerca de duas semanas a fabricar, só poderá haver cerveja no fim do mês de Novembro.

Por outro lado, a Cicer contactou uma empresa senegalesa a fim de nos enviar ácido sulfúrico mas, o Banco ainda não autorizou o pagamento.

Assim, como não se está a fabricar a cerveja, também não tem havido gáz carbónico para o fabrico dos refrigerantes.

Bafatá

Seminário de quadros do Partido

Sob a presidência do camarada Braima Bangurá, Presidente do Comité do Partido e do Estado da região de Bafatá, teve início na quinta-feira passada, nesta cidade, um seminário para a superação político-ideológica dos quadros do Partido e de organizações de massa da região.

Neste seminário em que participam cerca de 60 pessoas serão abordados vários temas de carácter político, nomeadamente, o PAIGC — força política e dirigente da sociedade; as tarefas concretas do Partido nesta fase de luta; relações Partido-Estado; e relações Partido-organizações de massa.

Nessa sessão de abertura, além do camarada Braima Bangurá, foi orador o camarada Malan Bacai, secretário da organização do Partido na região.

Novos preços para pilhas

Segundo um comunicado do Comissariado de Estado do Comércio, Indústria e Artesanato, foram afixados novos preços de venda no mercado nacional de pilhas eléctricas, provenientes da China.

Assim, os novos preços, por grosso e a retalho são os seguintes: **pilhas pequenas de 1,5 voltes**, 6 e 8 pesos; **pilhas médias de 1,5 voltes**, 8 e 10 pesos; **pilhas grandes de 1,5 voltes**, 10 e 12,5 pesos e **pilhas quadradas de 4,5 voltes**, 12,50 e 15 pesos.

Responde o Povo

Como combater os gafanhotos e grilos ?

Grilos! Já aí estão nos cantos da cidade, só que ainda não se manifestam totalmente por causa da chuva de Outubro. Mas eles já cá estão aguardando que a chuva abrande para entrarem em acção. E não são só os grilos. Também lá no norte se faz sentir a presença dos gafanhotos, que querem estragar a nossa lavoura. Será que vamos permiti-lo? De modo algum. Então, vamos combatê-los, combatê-los a sério!

Porque se outrora havia meios tradicionais de os combater (tocando latas) hoje há outros meios, mais eficazes.

Como combatê-los? É o tema do nosso inquérito de hoje.

TODO O TRABALHO

João Sucuma, empregado comercial — «Todos nós temos conhecimento de que este ano choveu bastante, o que fez com que se cultivasse muito. Mas com a presença dos gafanhotos que já se faz sentir no norte do país, penso que todo esse trabalho agrícola poderá vir a ficar em vão, caso não se providencie nesse sentido. Dentro desta ordem de ideias, gostaria que o nosso Estado, dentro das suas possibilidades, tomasse medidas adequadas, o mais ràpidamente possível, a fim de combater esses insectos que andam a estragar o trabalho da lavoura deste bom ano agrícola.

Queria propôr que, se necessário fôr, se organize uma saída para o norte com vista a liquidar todo esses maldosos insectos. Cá na cidade era bom que se começasse desde já a campanha contra os grilos, porque já se ouvem por aí os seus «gri-gri».

MOBILIZAR AS MASSAS DO NORTE

Fernando Correia, estudante — «O único meio de acabar com esses gafanhotos é o de mobilizar as massas populares dessa região para participarem na campanha contra os gafanhotos, porque nós sabemos que eles são prejudiciais à lavoura. Aqui em Bissau já se regista a existência de grilos embora ainda poucos, graças à chuva de Outubro que anda a empurá-los à medida que se vão juntando. Mas a chuva não continuará, portanto há que prevenir também nesse sentido».

NÃO SE ADMITE UMA MÁ COLHEITA POR CAUSA DOS GAFANHOTOS

Félix Manjuba, funcionário — «Li no último jornal sobre a ajuda dada pelo PNUD ao nosso país, nomeadamente ao C.E.D.R., com o objectivo de combater os gafanhotos que assolam o norte do país, o que me satisfez bastante, porque se este ano tem chovido muito e se tem trabalhado bastante nas bolanhas, não se admite que tudo se perca por causa dos gafanhotos. Se no ano passado houve um mau ano agrícola motivado pela chuva, este ano não se admite que o mau ano agrícola seja motivado pelos gafanhotos, porque na realidade esse problema pode ser resolvido.

Quero lançar um apelo aos camaradas do C.E.D.R. e dos Assuntos Sociais, para mobilizarem pessoas, nem que seja para se reunirem e tocarem latas, como se fazia».

O papel do escritor na afirmação e desenvolvimento da Língua Nacional (I)

por Luís Romano

«O papel do escritor na afirmação e desenvolvimento da Língua Nacional» foi tema de uma conferência realizada recentemente na República de Cabo Verde.

O seu autor Luís Romano, após uma longa exposição em que se referiu às vicissitudes por que passou o idioma caboverdiano — dada a sua condição de língua sobre a qual recairam os maleficios da dominação colonial,, facto que, não obstante a resistência de que ela é testemunho, limitou as suas possibilidades de afirmação e desenvolvimento —, lançou a tese de que a língua caboverdiana é elemento essencial para a plena afirmação da unidade nacional, cabendo aos caboverdianos a tarefa de encontrar uma forma escrita disciplinada que a torne viável no campo do ensino, bem como no das demais actividades nacionais.

Tal tese encontrou plena confirmação no decurso das intervenções que se seguiram à comunicação do conferencista. Devido à importância do seu discurso publica-mo-lo na íntegra.

A maior Virtude do Escritor Autêntico é a Verdade perante o seu povo. Sua actuação militante é o reflexo dessa Verdade nas múltiplas facetas em que está presente a sua criação. O potencial ético reflectido na sua palavra é o módulo que esclarece até que ponto esse Escritor compreende a realidade pessoalmente e também daqueles com quem ele se comunica. Isso reflecte seu consciente na interdependência do mundo subjectivo que fez do ser humano um produto do meio ambiente. Neste caso, tal conhecimento terá implicações na avaliação das pessoas e nas relações existentes num determinado período de tempo e situações.

O grau de comunicação que tal Escritor conseguirá transmitir, com a palavra oral ou escrita, tudo que captou com o pensamento através da Arte, determinará sua influência na época actuante.

Se ele fôr capaz de expôr, de forma a ser interpretado realisticamente, aquilo que antes era aceite sob o ponto de vista condicionado, — o que implica uma atitude nova frente a alguns problemas antigos — tal modificação esclarecida pela Realidade acarretará, até certo ponto, uma mudança de pensar e agir dentro do agrupamento social a que pertence.

Resumindo: — todas as vezes que surge uma nova ideia, uma nova obra, um novo mundo é criado. É esse fenómeno transcendente que faz do autêntico Escritor um Criador Universal.

Partindo dessa premissa um Escritor Nacionalista deverá poder, através dos seus dons criativos, pesquisar o passado, analisar friamente o presente e antever o futuro do seu povo, de forma que aquilo que lhe foi permitido conhecer seja posto ao alcance de Todos.

Tal Escritor deverá ultrapassar qualquer barreira para se integrar no sentimento nacional, frente às experiências sociais da sua época: injustiças e revoltas, bem como vitórias e libertações que marcam a inquietante luta humana na sua trajectória. Conseguido esse estágio, a sociedade tem o direito de exigir do Escritor uma linguagem escrita que deverá ser compreendida por toda a gente. E ele, como mentor militante, no caso Caboverdiano, deverá revelar a Verdade, preparando seu Compatriota para recuperar a personalidade natural dentro de uma equilibrada dignidade social, predicados que outrora foram desmantelados, sobretudo pela proibição oficial do uso falado e escrito da Língua Nacional.

Da actuação desse Escritor, ou de Congregações Culturais nativas, se iniciará o sentimento de combate contra a alienação descaracterizadora que foi imposta, firmada sobre raízes patrióticas que irão até o âmago dos Direitos do Homem, dentro da honra e tradição de família, para mantença da personalidade desinibida e independente.

Entre nós, será apoiado nessa missão dignificam e, que o Escritor Caboverdia no desvendará ao seu Irmão-Povo a imagem das suas raizes, origem antropológica e desenvolvimento cultural, até conseguir projectar, através da Arte, novas expressões criativas e estéticas, que denunciam o impacto de uma situação passada, fisicamente coagida, embora subjectivamente livre, com dimensões culturais, elaboradas no Idioma-Nativo, até agora desconhecida nas Letras Caboverdianas.

Definir exactamente o papel do Escritor na afirmação e desenvolvimento da Língua Nacional será realizar uma tomada prática de posição libertária, reflectida na modalidade expressiva de intercomunicação, perante a realidade com que estamos defrontando. Isso representa o prémio da responsabilidade do seu papel como mentor, como guia e patriota.

A língua nativa que qualquer povo fala é o seu melhor agente de unidade nacional e a chave para se conhecer a origem das suas tradições, comportamento psicológico informações históricas no tempo e no espaço.

Assim é que hoje se verifica, dentro do Idioma Caboverdiano, uma combinação de várias procedências, com predominância românica sobre as que vieram da África, trazidas por elementos naturais da antiga Costa da Guiné.

Processou-se desse modo uma fusão glotológica que se definiu e assentou bases na Terra Caboverdiana.

Do processo colonizador resultaram «Crias Humanas» entre Africanos e Europeus e dessa miscigenação surgiu um novo linguajar, em que predominou o elemento afro submetido às Leis da Conquista.

Essa forma de expressão fonética, sintetizando as bases radicais da Língua Dominante, passou a ser mais divulgada pelas crias escravas, e daí, pejorativamente, recebeu o nome de «falar crioulo», usado naturalmente pelos nativos mestiçados que também passaram a ser distinguidos etnicamente por «Crioulos», quando mencionados pelos Brancos.

No entanto com o decorrer dos séculos, a Língua Caboverdiana, contrariando as hipóteses técnicas, se estruturou por instinto de defesa natural-nacional e tornou-se uma realidade linguística presente, para deixar de ser uma curiosidade folclórica do passado.

Na hora actual, ela é falada por cerca de 300 mil habitantes no Arquipélago Caboverdiano e aproximadamente por mais de 500 mil compatriotas residentes no Estrangeiro.

Sua escrita é divulgada principalmente através das canções locais e esporadicamente por alguns jornais, livros e revistas Caboverdianas que percorrem o Mundo no roteiro dos nossos emigrantes.

Dos povos africanos capturados na Antiga Costa da Guiné e trazidos para a Nossa Terra, presume-se que a predominância tenna sido nígero-senegalesa, de que se econtram vestígios aculturados em práticas místicas e festivas entre os «BADIUS», ou habitantes da ilha de Santiago, descendentes dos IOLOFOS, e ainda conservadores da característica TABANKA, do BATUK, da TCHABETA e outras manifestações de fonte africana.

Nalgumas destas ilhas é inegável a presença de termos daquela origem, que precisam ser definidos, conhecidos e divulgados e não ignorados como inexistentes até então, mas de uso corrente, confirmação e presença de um acervo que o linguista qualificado poderá coligir facilmente em contacto com o povo.

Verdadeira linguagem povi-românica, o Idioma Caboverdiano é uma fonte de surpresa, misteriosa e desconhecida suficientemente, com sua morfologia-baseada nos moldes latinos da antiga Península Ibérica, conquanto resumida pela influência bilingue afro-europeia.

O espantoso e dignificante é o seu roteiro como veículo de uma nação de famílias, conhecido pelos Europeus desde 1500, mau grado as perseguições e confinamento, até se processar a certeza da sua auto-suficiência idiomática, num enriquecimento do vocabulário, termos e recursos que nos individualizam como Cidadãos Caboverdianos.

Hoje, o problema se fixa na concretização de uma fonte extraída cientificamente das possibilidades linguísticas vigentes, acessível a todos, essencial, que tenha condições bastantes para ser o retrato fiel do nosso compromisso com a realidade nacional, falada ou escrita, permitindo liberdade completa do pensamento e intercomunicação mais profunda com o povo, visto que toda a expressão é algo vivo e ininterrupto.

No processo cutural em que estamos empenhados, o conhecimento do nosso idioma padronizado e o uso da sua escrita, superarão o crioulo das primitivas regras impostas e irão encontrar abrigo no seio popular, para daí crescer continuamente a necessidade, cada vez maior, de ser estimulada sua missão comunicativa, já que a tendência é desmistificar os tabus, para que todos possam falar e escrever a língua nativa com o menor esforço possível, simplificando as barreiras pragmáticas com a escrita fonética da palavra, dentro da ordem e do bem senso.

Daí a libertação de novos conceitos, se fôr lembrado que a língua que habitualmtnte falamos é função de um caso geográfico e as diferenças idiomáticas acarretarem enorme dispêndio de energia intelectual.

AMILCAR CABRAL

A prática revolucionária

VI. DEZ ANOS DEPOIS DO MASSACRE DE PIDJIGUITI (*)

SÍNTESE DA SITUAÇÃO GERAL DA LUTA

Na verdade, se no fundo esta política é a mesma, mudou contudo de forma por uma tão vasta quanto vã tentativa de desmobilizar o nosso povo e minar o nosso movimento.

Uma tal política caracteriza-se, por um lado, por actos de falsas gentilezas e atenções para com as populações das zonas e centros urbanos ainda ocupados, de concessões nos planos social e religioso com a construção activa de escolas, postos sanitários e de mesquitas assim como na organização de viagens a Portugal, atribuição de bolsas de estudo, etc. A propaganda escrita e radiofundida, glorifica o «mundo Português» e o paraíso das «províncias ultramarinas», onde não há ódio racial, onde «todos os homens, qualquer que seja sua côr são iguais perante a lei e perante Deus». O próprio «governador» faz apelos à «reconciliação» à «contrução de uma Guiné, melhor que a de ontem e que a de hoje». Fala-se de paz, de evolução para uma situação «em que os filhos do país, enfim preparados, poderão decidir do seu próprio destino». Nós os combatentes, somos acusados de ser promotores de guerra, de não querer a paz que permitiria construir uma vida melhor, etc.

Em Abril quando da sua «visita» de algumas horas, feita à capital do nosso país, o chefe do Governo português imprimiu o seu cunho a este aspecto da política actual apelando para a reconciliação, oferecendo a «paz dos bravos», aos combatentes a todos os que querem uma «Guiné mehor, à sombra da bandeira portuguesa». Ele deve todavia reconhecer — ele, a quem o Estado-Maior, desaconselhou a saída da cidade de Bissau porque ninguém poderia garantir a sua segurança —, deve reconhecer que «só um milagre poderia mudar a situação» em que se encontram os colonialistas no nosso país.

Além disso, o inimigo envia todas as semanas novos contingentes de tropas para o nosso país, intensifica os bombardeamentos criminosos e os assaltos terroristas contra as populações das regiões libertadas, queima as colheitas, mata gado e, sempre que pode, massacra civis, nomeadamente velhos, mulheres e crianças. E com esta política de duas faces — de sorriso e sangue — que os colonilistas pretendem, inutilmente, isso é verdade, impedir o caminho à marcha vitoriosa do nosso combate libertador. Ela é contudo o reflexo ou a consequência mais brilhante da nossa luta, dos sucessos do nosso combate e da inutilidade da guerra colonial portuguesa no nosso país.

(*) **Relatório sobre a situação da luta, Janeiro de 1970 (Extractos).**

O trabalho produtivo nas escolas

ENTREVISTA

O trabalho produtivo nos liceus e escolas do país desempenha dois papéis fundamentais na formação dos jovens estudantes: por um lado, mantém-nos inseridos na comunidade de onde provêm, combatendo a tendência ao desenraizamento e ao divórcio entre o trabalho manual e o trabalho intelectual; por outro, é um importante factor complementar do ensino, despertando a curiosidade do aluno para determinadas ciências exactas como a física, e as ciências naturais, — e permitindo-lhe dar utilização prática imediata aos conhecimentos teóricos adquiridos.

Reconhecendo-se a importância do trabalho produtivo nas escolas e a necessidade de centralizar, ao nível nacional, a sua orientação pedagógica, o Comissariado de Estado da Educação Nacional decidiu, há cerca de dois meses, criar no seu Departamento de Actividades Políticas Extra-Escolares à frente da qual se encontra o camarada Carlos Dias, director de serviços do CEEN, a secção de Trabalho Produtivo, cuja orientação foi confiada ao cooperante italiano Persico Fabrizio.

Para conhecermos os projectos e as dificuldades da nova secção, mantivemos uma curta entrevista com Persico Fabrizio, a qual assistiu — e foi chamado a intervir — o cooperante chileno Augusto Chamorro, responsável da secção de Informação e Propaganda do mesmo Departamento.

TEMOS QUE FAZER AS NOSSAS ESCOLAS CUMPRIREM O DEVER QUE O PARTIDO LHES DEU — ENSINO — MAS TAMBÉM TRABALHO. TRABALHO PARA MANTEREM A ESCOLA COMO DEVE SER, TRABALHO DE PRODUZIR NA AGRICULTURA, PARA O ALIMENTO DOS ALUNOS, PARA A SUA FORMAÇÃO, PARA NINGUÉM PENSAR QUE IR À ESCOLA QUER DIZER NÃO LAVRAR MAIS.

Amílcar Cabral

FAZER DO TRABALHO UM MEIO DE EDUCAÇÃO E DA EDUCAÇÃO UM INSTRUMENTO DE TRABAL

Trabalho produtivo, uma arma utilizada pelo C.E.E.N. no combate à tendência ao desenraizamento e ao divórcio entre o trabalho manual e o trabalho intelectual

«Nô Pintcha» — Há pelo menos dois anos que o trabalho produtivo é um dos factores de avaliação dos alunos nos liceus do país. Só agora surge um organismo que o orienta a nível nacional. Como tem funcionado até agora?

Persico Fabrizio — Em cada liceu existe um responsável pelo trabalho produtivo, que é, obrigatoriamente, membro do Conselho Directivo. Por sua vez, cada turma tem um professor encarregado de orientar esse tipo de actividade. O aparecimento, agora, desta secção, responde à necessidade de lhe dar uma orientação centralizada, comum a todos os liceus.

«NP» — Mas, mesmo sem essa orientação centralizada, o trabalho produtivo tem sido um dos componentes dos critérios de avaliação. Será que isto não foi factor de desigualdades entre os vários liceus?

PF — Não encontrámos ainda a forma definitiva de avaliar o trabalho produtivo. No Liceu de Bissau, por exemplo, utilizámos uma pontuação de zero a 3 em cada período. No fim do ano, o aluno podia dispôr de um máximo de 9 pontos que poderiam ser somados às notas mais fracas... Essa pontuação influência também na atribuição de bolsas estudo.

NP — Uma espécie de gratificação, portanto. Que significa que o aluno pode não estar em condições de passar de ano em português ou em matemática, mas passar mesmo assim, graças à gratificação do trabalho produtivo. Porém, no ano seguinte, por mais que trabalhe na horta, virá a ressentir-se da sua falta de bases nessas matérias. Não vos parece mais razoável classificar o trabalho produtivo autonomamente, mesmo que essa classificação seja eliminatória?

PF — Como disse, este sistema não é o definitivo. Começamos agora a dispôr de um somatório de experiências que nos permitirão, a curto prazo, encontrar formas mais adequadas às necessidades pedagógicas.

TRABALHO PRODUTIVO NA CANTINA... SE FUNCIONAR

NP — Quais são as principais actividades de trabalho produtivo desenvolvidas em cada liceu?

PF — Em cada liceu e em cada uma das 18 escolas que ministram o 2.º ciclo do ensino básico, pois esperamos que, este ano, já nos seja possível organizar o trabalho produtivo em todas elas. Pois bem, a nossa actividade reparte-se por três grandes sectores: o trabalho produtivo agrícola — horticultura, arborização e culturas experimentais como a de algodão, café, etc.; — o trabalho de utilidade social — limpeza dos bairros, constru centros sanitários, aos hospitais, e outra vidades, como por e a participação nos lhos do recensea neste ano que vai c —, e a manutenç instalações das própr colas — limpeza, p e reparações simple dinagem, etc.. Para destes três grandes res, temos experiênc teressantes, como a de artesanato e outra de existem cantinas bém são os alun executam a maior par trabalhos.

NP — A propósito cionará este ano a c do Liceu de Bissau?

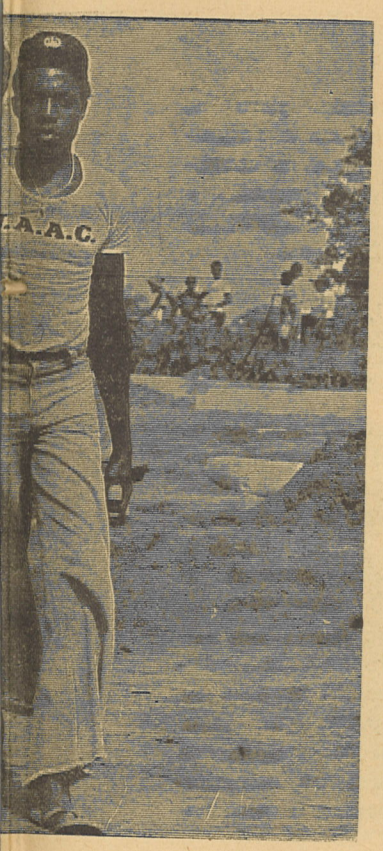
FP — Creio que e condições para isso. a cozinha e todo o m indispensável. O pro que subsiste é o de e como no ano passa pavilhão onde antes f nava a cantina teve q cedido à guarda pr cial. Mas talvez sob guma sala, depois da tituição das turmas..

NP — Tavez sobre não nos parece prová se não sobrar?...

PF — Bem, temos u **curso: há um antigo sio que está parcial ocupado pela carpin O espaço sobrante ch cantina...**

NP — Portanto, nun ou noutro, não será a de espaço que impe cantina de funcionar.

PF — Espero que n



AGRICULTURA, PESCA, ARTESANATO

NP — Nos sectores de actividade que mencionaste, e particularmente no das culturas agrícolas experimentais, parece justificar-se a orientação de técnicos. Já dispõem deles?

PF — Ainda não. Há professores com maiores conhecimentos neste ou naquele sector, e são eles que dirigem os trabalhos. Isto tanto pode acontecer para a cultura do algodão como para o fabrico de copos. Mas, em breve, esperamos ter em cada escola a assistência de um técnico agrícola formado pela Escola Agrícola do Boé. Agora, que temos à frente do Comissariado do Desenvolvimento Rural o camarada Mário Cabral, um dos responsáveis que mais se tem interessado pelo trabalho produtivo nas escolas, cremos que este sector de actividade vai poder desenvolver-se muito rapidamente.

NP — Que espécie de apoios têm obtido para adquirir instrumentos de trabalho, sementes, etc.?

FP — A maior parte do material de trabalho agrícola que possuímos foi-nos fornecido pelo Desenvolvimento Rural. Mas contamos também com financiamento de organismos estrangeiros de cooperação. Já recebemos um auxílio de cerca de 200 contos da OXEFAM do Canadá e esperamos que essa verba seja reforçada. Temos também contactos e promessas de organizações inglesas, francesas e italianas. Se conseguirmos satisfação a um dos nossos pedidos, talvez ainda este ano possamos iniciarmos numa actividade nova, que é a da pesca, nas escolas de Cantchungo e Farim.

PAGAR AS PROPINAS COM TRABALHO

NP — E qual é o destino da produção obtida?

PF — Até agora, a produção tem sido vendida pelos directores de cada escola, que utilizam esse dinheiro para suprir as mais diversas necessidades. Já tem servido, por exemplo, para adiantar os ordenados aos professores, quando as finanças se atrasam no seu envio. Mas daqui para a frente, o produto das vendas será obrigatóriamente, distribuído pela caixa escolar do próprio estabelecimento de ensino e pelas entidades responsáveis pela Educação no sector e na região. Todo esse dinheiro será depois utilizado para melhorias nas escolas.

É preciso notar que não queremos transformar as escolas em fábricas disto ou daquilo ou em empresas agrícolas. O objectivo é o de estimuar o interesse dos alunos pelo trabalho produtivo e desenvolver neles o amor às coisas que colectivamente lhes pertencem. É um objectivo pedagógico, mas também eminentemente politico. Entretanto, e dentro do possível, tentamos alcançar uma certa autonomia económica — mínima — da escola, aliviando as despesas do Estado no sector. Num futuro que esperamos próximo, as propinas dos alunos poderão ser pagas em trabalho, em vez de dinheiro.

NP — Ainda um aspecto que ficou por focar: durante as longas férias escolares, o trabalho produtivo é interrompido, o que aparentemente, é pedagogicamente errado. No sector da agricutura, então, coincidindo as férias com a época de maior trabalho, é mesmo absurda essa paragem. Estará isto certo?

PF — Claro que não, mas ainda não conseguimos assegurar a continuação dos trabalhos durante as férias. Os professores vão para um lado, os alunos para outro, e há que encontrar formas de enquadramento necessariamente diferentes. Neste aspecto, acho que a JAAC tem um importante papel a desempenhar, organizando campanhas de trabalho de utilidade local.

NP — Como o combate aos grilos e aos gafanhotos...

PF — Pois, embora nesses casos as entidades competentes ainda não nos tenham pedido apoio...

NP — Poderão ser vocês a oferecê-lo...

PF — É mais frequente sermos nós a oferecê-lo. Mas, quanto aos grilos e os gafanhotos, este ano ainda não organizámos nada...

NP — No organigama do vosso departamento, vemos três secções: Trabalho produtivo, Desporto e Informação e Propaganda. Não há nada sobre dinamização cultural. Ora, sabemos que a maioria dos alunos provêm de meios intelectualmente pouco estimulantes. A sua curiosidade — disponibilidade — intelectual não é despertada fora da escola, e o aproveitamento do ensino ressente-se disso, e de que maneira...

O trabalho produtivo pode despertar o interesse pelas ciências naturais, pela física, num ou noutro caso pelo desenho. Mas as línguas, a literatura, as artes, a história, as ciências humanas, não levam daí grande incentivo. Como vos parece possível — no caso de vos parecer necessário — suprir essa falta?

FP — Acho que isso deve competir à Informação e Propaganda.

NP — Pois, já que aqui temos o responsável por essa secção, diz-nos tu, Augusto Chamorro, o que pensas do assunto.

Augusto Chamorro — Não estou de acordo que isso diga respeito à minha secção. Talvez à JAAC...

NP — Mas a JAAC, pela própria natureza das suas funções, tem uma estrutura mais fluída do que o Comissariado da Educação, não dispõe do vosso aparelho de quadros profissionais permanentes. Além disso, esta parece-nos uma tarefa essencial ao bom funcionamento da própria Educação. Sabemos bem que sem estímulos intelectuais, o aluno não vê na aprendizagem outra utilidade do que não seja a obtenção de um papel a que chamam diploma e que lhe proporcionará acesso a um emprego mais bem pago, e talvez menos cansativo. Um aluno assim não aprenderá grande coisa que o torne num elemento intelectualmente mais útil à sociedade. Toda a pedagogia começa com a motivação para aprender. E, no nosso caso, é a própria escola que tem que lhe fornecer essa motivação, porque os nossos meios de comunicação de massa, a rádio e a Imprensa, ainda têm carências muito grandes, quase não temos cinema, só existe uma livraria razoável em todo o país, as bibliotecas são poucas e pobres... E isso afecta toda a Educação, e todos os professores o constatam. Vocês não têm planos para esse trabalho...?

AC — A minha secção, não. Talvez se venha a criar outra secção...

PF—No primeiro ano lectivo, em 74/75, uns camar das argelinos organizara umas mostras de filmes, s guidos de debates. Es experiência foi muito be recebida pelos alunos e pr fessores. Também se trab lhou na organização da b blioteca do liceu...

NP — Isso aconteceu em Bissau e só nesse an Um professor ou um grup de professores toma um iniciativa e leva-a para frente, mas, quando se vã embora, a ideia morre, po não haver um orgão centra lizador que procure alguém que volte a pegar nela. Ag ra que o vosso departame to conhece profundas rem delações, esperamos pod ver, em breve, repetidas es sas e muitas outras inici tivas. E que seja para du rar...

> **... Considerando que a Educação deve ser estreitamente ligada ao trabalho e ter por finalidade o desenvolvimento de conhecimentos, qualificações e valores qu permitam ao estudante inserir-se na sua comunidade e contribuir para a sua melhoria permanente...**
>
> **Da Resolução Geral do III Congresso do PAIGC**

Chamar às coisas os nomes que elas têm

Um colonialismo que nos tivesse deixado, ao tirar as botas de cima da nossa Pátria, uma estrutura de ensino apta a arrancar-nos ao subdesenvolvimento, não seria colonialismo, seria o Pai Natal.

No ano lectivo que está prestes a começar, vai entrar numa fase decisiva a batalha entre a vontade de **superar as** carências materiais do nosso ensino — exigir do mais e melhor trabalho aos quadros de que dispomos — os hábitos de inércia, de irresponsabilidade, de absentismo e de impunidade que no ano passado apareceram cristalizados e, recentemente, mereceram severa condenação, tanto do anterior como do novo responsável do Comissariado da Educação.

Em todo o nosso ensino secundário, o número de professores estrangeiros é superior ao dos nacionais. Esta é apenas a constatação de uma realidade que, por mais que nos tivessemos esforçado, não poderíamos ainda ter modificado. Mas não é essa relação a importante, não é entre uns e outros que a batalha se travará. Entre uns e outros existem elementos conscientes da importância decisiva que as tarefas que lhes estão entregues têm para o futuro deste país, e também aqueles para quem o ensino não é mais do que uma maneira de ganhar a vida com o menor esforço possível.

É preciso chamarmos às coisas os nomes que elas têm. No ano passado houve professores que não deram sequer metade das aulas que lhes estavam distribuídas. Houve aqueles que só regressaram das férias de Natal três e quatro semanas depois do reinício das aulas. Houve os que faltaram repetidamente às reuniões, atrasando gravemente a atribuição de notas. E houve também aqueles que escamotearam o seu mau trabalho atribuindo notas disparatadamente altas a alunos aos quais quase nada haviam ensinado, provocando-lhes, com esses «favores», um «handicap» de que se virão a ressentir.

Que saibamos, porém, até ao último mês de aulas, nunca os ordenados dos faltosos sofreram os descontos correspondentes. Seria o mínimo e o razoável. Poucas dessas faltas estavam, sequer, registadas.

Não nos parece razoável impedir qualquer trabalhador de usar as suas férias como muito bem entender. Mas se, como já aconteceu, um professor cooperante se apresta a regressar das férias no estrangeiro várias semanas depois do reinício das aulas — sem justificação plausível e comprovada — parece-nos evidente que já se colocou fora do compromisso que assumiu connosco. Não vemos porque a nossa embaixada deva autorizar-lhe o regresso, para depois termos que pagar o seu repatriamento. A devolução da bagagem será o bastante.

O absentismo e as «baldas» são as doenças mais fáceis de combater, sem que precisemos para isso de meios que não tenhamos ao alcance da mão.

Essa não será — nada de ilusões — a receita santa que resolverá todos os problemas. Os atrasos no início das aulas por não haver onde alojar os professores, os atrasos na elaboração dos programas e no fornecimento dos materiais de apoio, o enquadramento deficiente do pessoal docente, a falta de actividades circum-escolares que estimulem intelectualmente os alunos as carências materiais enormes, são de solução mais morosa e complexa. Mas, semuma responsabilização exigente de todos os quadros — nacionais ou estrangeiros, tanto monta — nenhuma boa intenção passará disso mesmo.

O que todas essas dificuldades não podem é servir de albi à irresponsabilidade e o deixar — andar de quem esconde o meu trabalho e a inércia por detras do eterno «não temos condições».

Não é por os sapatos estarem gastos e rombos que não se caminha, quando de facto se quer caminhar. Muito do caminho que já percorremos, percorremo-lo descalços.

O país

Festival nacional de canções em homenagem a José Carlos

Para celebrar o 29.º aniversário natalício, em 6 de Dezembro próximo, do saudoso músico guineense e militante do nosso Partido, o falecido camarada José Carlos Schwachz, o Comissariado de Estado de Informação e Cultura organiza um festival de canções, que culminará nesta data. A par disso, pretende-se inaugurar nesse dia, a primeira escola nacional de música que terá o nome do homenageado. Conta-se apurar, neste concurso musical, o melhor artista-cantor da nossa terra. Aos três primeiros cassificados, serão atribuídos valiosos prémios.

Neste festival de canções modernas e folclóricas nacionais, poderão participar todos os cidadãos da Guiné e Cabo Verde que queiram integrar-se na grande família dos artistas musicais dos nossos dois países irmãos, não só para render a merecida homenagem ao «pioneiro da música moderna guineense» José Carlos, como também para engrandecer o património cultural nacional.

Este festival será dividido em três partes: duas eliminatórias e uma final. A primeira eliminatória terá lugar em todas as regiões do país, entre os artistas inscritos em cada região, da qual serão apurados para a segunda eliminatória os dois primeiros classificados. Na segunda eliminatória composta de duas séries, os artistas serão divididos em dois grupos de actuação, dos quais sairão os 10 finalistas. A segunda eliminatória e a final terão lugar no Sector Autónomo de Bissau.

A comissão encarregada da programação do festival nomeará um júri que se deslocará ao interior do país para dirigir as primeiras eliminatórias.

Os candidatos do interior do país devem inscrever-se na sede do Comité de Estado do Sector onde se encontram. Em Bissau, as inscrições estão abertas no Departamento das Artes da Cena, junto ao antigo Lar Masculino. As inscrições terminarão no dia 10 do próximo mês de Novembro.

Todos os interessados devem começar a preparar as canções com que irão concorrer. Contamos publicar no próximo número o regulamento, ao qual os artistas se submeterão neste festival de música.

Desporto

3.ª Jornada do Nac. de Futebol

Hoje à noite: Sporting-Udib

O Campeonato Nacional de Futebol entra hoje na sua terceira jornada. Para os encontros deste fim-se-semana, a Federação Nacional de Futebol apresenta o seguinte calendário: hoje à tarde no Estádio Lino Correia, em Bissau, vão defrontar-se as equipas das FARP e do Ténis Clube de Bissau, e à noite, Sporting-Udib. Amanhã, domingo, ainda no mesmo estádio, jogam Ajuda Sport e Desportivo de Buba.

Nos restantes campos do interior do país, temos, também amanhã, os seguintes jogos: Bolama-Benfica; Tombali-Cantchungo; Farim-Bula; Bafatá-Gabú; e Bissorã-Balantas.

A contar para os jogos em atrazo da jornada anterior, a segunda, foram marcados, respectivamente, para as próximas quarta e quinta-feira, em Bissau, os encontros: Benfica-Tombali e Udib-Bafatá, ambos com início às 21 horas.

SPORTING, 1
CANTCHUNGO, 3

EM JOGO DE REPETIÇÃO

Em repetição do jogo a contar para a primeira jornada do Nacional de Futebol, a equipa de Cantchungo voltou a deslocar-se à capital, onde derrotou o seu difícil adversário, o Sporting de Bissau, por 3-1. O primeiro jogo foi interrompido aos 28 minutos da segunda parte, por falta de iluminação, quando as duas equipas se encontravam empatadas a duas bolas.

Totobola

Abertas mais cinco agências

Com a abertura de mais cinco agências de recepção das apostas, em Bissau, o totobola nacional começa a ganhar novas perspectivas de desenvolvimento. Tais agências já começaram a funcionar, nesta semana, na Papelaria Benfica, na Agência Sagres de viagens, no Bar Rolinha de Santa Luzia, na Foto do Povo da Avenida Pansau Na Isna, e na casa comercial de João Ribeiro, no centro comercial.

Conta-se abrir mais agências, no interior do país, só quando chegarem as máquinas de registo encomendadas em Portugal, as quais substituirão o sistema manual de registo.

Anúncios

Aviso

São convocados os indivíduos a seguir indicados a comparecerem neste BNG (Serviços de Administração de Propriedades) no período compreendido entre o dia 30 do corrente mês de Novembro próximo a fim de regularizarem o contrato de arrendamento, sobre pena da Lei faltando:

1 — Abílio Augusto Madeira;
2 — Adão de Pina Araújo;
3 — Aida dos Reis Pires Galvão;
4 — André Luciano Pereira;
5 — António dos Mártires Balona;
6 — António Augusto de Oliveira;
7 — António da Costa;
8 — António S. Semedo;
9 — António Valente de Oliveira;
10 — Apolinário Sequeira de Miranda;
11 — Aureliano Lopes da Cruz;
12 — Agripino Lopes da Rosa;
13 — Agostinho Ramalho Ribeiro;
14 — Alexandre Pinto Caetano;
15 — Alexandre Silva;
16 — Avelino Delgado;
17 — Álvaro Mendonça Spencer;
18 — Augusto de Jesus Andrade Sousa;
19 — Armando Pereira Pinto;
20 — Aguinaldo Lopes de Pina;
21 — Aquilino Medina e Silva;
22 — Armazéns do Povo;
23 — Bacar Baldé;
24 — Celina Soares da Gama;
25 — Carimbo Taubé Bandjai;
26 — Carlos Bernardo Vieira;
27 — Carlos Alberto Barbosa;
28 — Carlos dos Reis Cabral;
29 — Carlos Teixeira Barbosa;
30 — Constantino Vieira Nobre;
31 — Cherif Turé;
32 — Cornélio Sebastião Vieira;
33 — CICER;
34 — Comissariado de Estado de Energia;
35 — Comissariado de Estado de Planificação;
36 — Comissariado de Estado do Comércio e Artesanato;
37 — Comissariado de Estado de Justiça;
38 — Comissariado de Estado de Educação Nacional;
39 — Daniel Motta;
40 — Domingos Correia Aguiar;
41 — Domingos Gomes N'Indi;
42 — Dulce Galina Tomar;
43 — Ernesto António Lima;
44 — Ernesto Dias;
45 — Epifâneo Souto Amado;
46 — Epifâneo Maria Lima;
47 — Elizete Pereira Borja;
48 — Eduardo Dieb;
49 — Emília Carvalho Almeida;
50 — Embaixada da França;
51 — Embaixada da China;
52 — Emanuel Ledo Pontes;
53 — FARP;
54 — Foto Serra;
55 — Fortunato Lopes da Moura;
56 — Francisco G. Barbosa;
57 — Francisco Pereira;
58 — Francisco da Cunha Caetano;
59 — Francisco Xavier da Fonseca;
60 — Fernando Lopes;
61 — Fernando Fonseca;
62 — Fernando. A. Ribeiro Almeida;
63 — Fernando Emílio Alves;
64 — Floriberto Carvalho;
65 — Florentino J. Fernandes;
66 — Guinémar;
67 — Guialp;
68 — Guilhermina Carvalho Coelho;
69 — Gil Sant'Elmo N. Fernandes;
70 — Gabriel Djassi;
71 — Henrique Reis;
72 — Honório Tavares;
73 — Iaia Baldé;
74 — Irene Pinto Leão;
75 — Isabel Pires;
76 — Isabel Sá;
77 — Idalina Mendes Pereira;
78 — Ivo João Pereira;
79 — Igreja Adventista;
80 — J. Costa Pinheiro;
81 — J. L. G. — Indústria, Comércio e Agricultura;
82 — Julieta Pinho Brandão;
83 — Júlio Batioã Ferreira;
84 — Jorge Fernando Sá;
85 — João Marques Dinis;
86 — João Galvão dos Reis Borges;
87 — José Martins Lima;
88 — José Maria Melão;
89 — José Augusto Gomes da Silva;
90 — José Tomáz Pires;
91 — José Nunes Varela;
92 — José Luís F. Conceição;
93 — José Ramos Pinto Costa;
94 — José Cândido Freitas Abreu;
95 — José Henriques;
96 — José Maria Davys;
97 — José Feliciano Franco;
98 — Joaquim Araújo;
99 — Joaquim Caetano Lopes dos Santos;
100 — Joaquim Araújo;
101 — Luís Adriano Gomes;
102 — Luís Filipe Monteiro;
103 — Luís Quebá Seidi;
104 — Luís Semedo;
105 — Lino José Mendes;
106 — Licínio Ledo Pontes;
107 — Lourdes Andrade Varela;
108 — Lúcia de Pina;
109 — Lopes da Cunha Lda.;
110 — Libório da Silva Moreira;
111 — L. S. Matias Lda.;
112 — Marcelino Costa Ferreira;
113 — Maria José da Silva Ferreira;
114 — Maria de Fátima Dias Cabral;
115 — Maria Domingas da Costa;
116 — Gunadi Cassamá;
117 — Maria Paula Cabral;
118 — Mário Pires;
119 — Mário Lima & Comp.ª;
120 — Mário Pereira Rosa;
121 — Margarida Lopes Fonseca;
122 — Martinho Sousa;
123 — Marcos Lopes Rodrigues;
124 — Malam Danfá;
125 — Mamadú Djaquité;
126 — Mohamed Mamud;
127 — Manuel Barbosa;
128 — Manuel Mário Duro Fernandes;
129 — Magus;
130 — Nicolau da Silva;
131 — Nélson Wintacem Silva;
132 — Odette Amin Salman;
133 — Olímpio Antunes Batista;
134 — Óscar Caldeira & Herdeiros;
135 — Octávio Ilídio Morais;
136 — Olímpio Brito e Silva;
137 — Pantaleão António Vaz;
138 — Padaria de Augusto Barreto;
139 — Papelaria Moderna;
140 — Pinheiro & Sobrinho;
141 — Rosália Lopes;
142 — Ramiro Almeida;
143 — Rogério Pereira da Silva;
144 — Rui Rodrigues Monteiro;
145 — Stanisnav Roumianstev;
146 — Serge Michel;
147 — Silvestre Ferreira;
148 — Talico Turé;
149 — Telmo Sousa Mendes;
150 — Tomé Jesus;
151 — Universina Branco D'Alva.

Bissau, 20 de Outubro de 1978.

Deverão comparecer nos dias úteis indicados com a seguinte ordem, os nomes compreendidos nas letras: A a J — do dia 1 ao dia 10; L a U — do dia 11 ao dia 20.

Alteração de Nomes

Nos termos do n.º 1 do Art.º 368.º do Código do Registo Civil, faço saber que: **Roncador Cá**, solteiro, de 21 anos de idade, natural de Quinhamel-Biombo, residente nesta cidade, no Bairro Chão de Papel, n.º 110, filho de Imbulna Cá e de Alandi Indí, requereu a alteração da composição de seu nome fixado no Assento de Nascimento para **Rondário Cá.**

São por isso convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiveram no prazo de 30 dias a contar da data da publicação deste anúncio no Jornal «Nô Pintcha».

Nos termos do n.º 1 do Artigo 368.º do Código do registo Civil, faço saber que José Gomes, solteiro de 25 anos de idade, monitor escolar, natural de Encheia, Sector de Bissorã, Região de Oio, residente em Bissau, filho de Fronté Indami, já falecido, e de Oié Matchabá, requereu a alteração da composição do seu nome fixado no assento de nascimento para José Fronté Indami.

São por isso convidados todos os interessados incertos a deduzirem a oposição que tiverem no prazo de 30 dias a contar com a data da publicação deste anúncio no Jornal «Nô Pintcha».

Conservatória do Registo Civil da Guiné-Bissau, 5 de Setembro de 1977. — O Conservador, **Nicandro Pereira Barreto.**

4.ª Cimeira da CEAO

Desenvolvimento económico e circulação de pessoas na ordem do dia

BAMAKO, 26 — A quarta cimeira da CEAO (Comunidade Económica da Africa do Oeste), organização que agrupa seis estados do Oeste africano (Costa-do-Marfim, Níger Mali, Alto-Volta, Mauritânia e Senegal) com 28 milhões de habitantes, reuniu-se ontem e hoje em Bamako.

Na ordem do dia figuram a instalação do Fundo de Solidariedade da Organização (FOSIDEC), o estabelecimento de programas trienais de cooperação e desenvolvimento da CEAO, um projecto de acordo sobre a circulação de pessoas, uma reestruturação dos órgãos técnicos e administrativos da organização, e o orçamento do funcionamento da mesma organização.

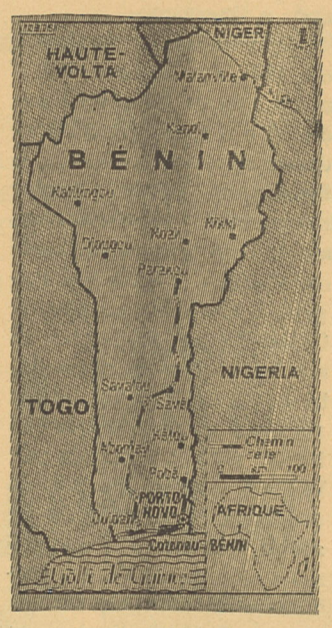
O FOSIDEC é uma das criações mais importantes para o futuro da CEAO, cuja missão é de favorecer uma integração económica dos estados membros. Destina-se a corrigrir, ainda, as diferenças existentes entre os estados industriais e costeiros — como a Costa-do-Marfim e o Senegal — e os estados menos desenvolvidos do interior, financiando os seus projectos de desenvolvimento.

Os estados membros faziam parte dos antigos territórios da AOF (Africa Ocidental Francesa), com excepção da Guiné e do Benin. O Togo, que não é membro da CEAO, faz parte do «Pacto de não agressão e de assistência em matéria de defesa» da CEAO. Os ministros dos países membros deste pacto tiveram a sua primeira reunião em Aouagadougou, de 14 a 16 de Novembro de 1977, mas não conseguiram chegar a um acordo. Esta questão deve ser solucionada na reunião dos chefes de Estado dos países membros do pacto, que se desenrolará paralelamente à cimeira da CEAO.

Por outro lado, esta reunião servirá para trocar impressões, pelo menos informalmente, sobre a evolução da situação na região e no Sahara Ocidental. — (FP)

Benin

Comemorações em todo o país do dia das FAP



COTONU, 26 — O sexto aniversário da Revolução beninense comemorou-se anteontem na capital do país e em todas as principais localidades.

Há seis anos, as Forças Armadas do Bénin, chefiadas pelo coronel Mathieu Kerekou, derrubaram o governo do «conselho presidencial», dirigido por três chefes tradicionais: Apithy, Maga e Ahomadegbe.

O 26 de Outubro tornar-se-ia, dois anos depois, na festa das Forças Armadas Populares do Bénin. Após 1976, uma mudança importante operou-se no seio do Exército Adicional do Bénin, que se transformou num Exército Popular composto de três unidades: as Forças de Defesa Nacional, as Forças de Segurança Pública e a Milícia Popular.

No discurso pronunciado anteontem de manhã, o coronel Kerekou, presidente da República e chefe supremo das Forças Armadas Populares (FAP), fez o balanço dos sucessos alcançados nos seis anos da Revolução. «O desenvolvimento patriótico das FAP permitiu rechaçar as tentativas maquiavélicas de conspiração imperialista, a mais sangrenta das quais foi a agressão de 16 de Janeiro de 1977», afirmou o presidente Kerekou.

Em seguida, lançou um apelo patriótico a todas as unidades das FAP, para aperfeiçoarem os seus métodos de acção e de combate, e redobrarem a vigilância para desmantelar as conspirações contra o poder popular, tornando decisiva a democratização do poder. — (FP).

Namíbia

OUA apela a uma frente comum contra o regime racista

ADDIS-ABEBA — A Organização de Unidade Africana (OUA) apelou à comunidade internacional a intervir numa frente comum contra o regime criminoso da Africa do Sul, que procura impedir a Namíbia ocupada de aceder à independência real. Numa declaração publicada em Addis-Abeba, por ocasião do seminário internacional de solidariedade com o povo namíbio, a OUA sublinha que só medidas concretas e eficazes, visando isolar Pretória, contribuirão para libertar Namíbia.

Quanto aos resultados das recentes negociações realizadas em Pretória pelos representantes de cinco países ocidentais, a OUA denuncia a táctica de «pacificação» dos ocupantes praticados por estes últimos para salvar os seus enormes investimentos no sul de Africa.

A OUA declara o seu apoio à Organização do Povo do Sudeste africano (SWAPO) que insiste na organização de eleições sob a égide da ONU. Não pode haver compromisso quando se trata da independência da Namíbia, conclui o comunicado. — (Tass).

Sahara Ocidental

Conversações em Paris entre os presidentes mauritariano e francês

PARIS — O anúncio da visita a França do chefe de Estado mauritaniano, Mustapha Ould Mohamed Salek, que será recebido hoje pelo presidente Giscard d'Estaing, surge no momento em que se reiniciaram os contactos entre Nouakchott e a Frente Polisário.

A questão do Sahará Ocidental, estimam os observadores, estará no centro das conversações franco-mauritanianas da mesma forma que a cooperação entre os dois países.

A França declarara-se favorável a um processo de retorno à paz no Sahará Ocidental, após o golpe de Estado do 10 de Julho passado que derrubou em Nouakchott o presidente Moktar Ould Daddah. Os novos dirigentes mauritanianos afirmaram também a sua vontade de encontrar uma solução pacífica para o conflito enquanto que a Frente Polisário decretava a 12 de Julho um cessar-fogo unilateral. — (FP)

Zimbabwe

"Linha da Frente" estudará amanhã proposta anglo-americana

LUSAKA — Uma cimeira dos países da Linha da Frente, que deveria ter lugar ontem em Dar-es-Salam, foi adiada para amanhã, domingo, a pedido do presidente Kaunda, anunciou-se na capital zambiana. Os líderes destes países vão discutir o plano anglo-americano, revisto, para a solução da crise sul-rodesiana.

Como é regra destas reuniões, não foi anunciada nenhuma ordem do dia, mas os participantes estudarão, sem dúvida, as últimas propostas anglo-americanas para uma solução negociada da questão rodesiana através da convocação de uma conferência reunindo todas as partes interessadas.

No entanto, vai diminuindo o número daqueles que crêem que este plano de negociações possa verdadeiramente resolver o problema.

Os funcionários rodesianos declararam que o plano anglo-americano, prevê que as forças da Frente Patriótica do Zimbabwé tenham um papel dominante no quadro das futuras forças armadas regulares no país, o que é «absolutamente inadmissível» para o regime de Salisbúria.

A declaração de Smith, segundo a qual a Rodésia está pronta a participar na conferência reunindo todas as partes interessadas, mas «sem condições preliminares», é qualificada de insensata pelos países da Linha da Frente.

Entretanto, em Pretória, a vice-presidente do Conselho Eclesiástifo, Sally Motlana foi detida de novo, no «ghetto» africano de Soweto, nas cercanias de Johannesburgo, pela polícia de segurança do regime do «apartheid».

Nthato Motlana, marido da vice-presidente do Conselho, é um dos dirigentes da União de padres de Soweto. O casal já tinha sido detido nos últimos anos em aplicação de uma dita lei anti-terrorista. — (Tass, FP)

RELAÇÕES INTER-YÉMENS

ADEN, 24 — O presidente sul-Yemenita, Ali Nasser Mohamed, protestou na terça-feira contra «os actos perpetrados pelo actual governo do Sanaa, para com os nacionalistas norte-Yemenitas, nomeadamente o assassinato, em Novembro de 1977, do antigo presidente, Ibrahim Ol-Hamedí.

Num discurso pronunciado em reunião com chefes de tribos norte-Yemenitas, o chefe de Estado afirmou que «a união dos dois Yémens terá lugar brevemente».

Ele felicitou-se «pela luta dos nacionalistas norte-Yemenistas para pôr fim à ingerência estrangeira nos problemas internos do Yémen.

De fonte autorizada em Aden, precisou-se de dois mil chefes e membros de certas tribos, do Yémen do Norte, chegaram a capital Sul-Yémen, na noite de segunda-feira, «depois de fugirem da República Árabe do Yémen por terem reprovado o regime no poder em Sanaa. — (FP)

QUÉNIA-UGANDA ACORDOS AÉREOS

NAIROBI, 27 — Um acordo no domínio da comunicação aérea, foi assinado em Nairobi por representantes do Quénia e do Uganda.

Segundo, o documento, os aviões dos dois países vizinhos efectuarão dois vôos semanais entre a Nairobi e Entebbe. Prevê-se, igualmente, a inauguração de uma linha aérea entre Entebbe e Monbassa (porto no Kénya).

SOCIEDADE AFRICANA DA CULTURA DEIXA PARIS PARA DAKAR

DAKAR, 26 — A «Sociedade Africana de Cultura», (SAC), intalada há 30 anos em Paris, terá, doravante a sua sede em Dakar. Um acordo foi assinado a este respeito por Mustahpa Niasse, ministro dos Negócios Estrangeiros, e por Alion Diop, secretário da SAC.

Editora e a organizadora, de dois congressos de escritores negros, em Roma e Paris, a SAC foi a organizadora do primeiro Festival Mundial das Artes Negras, em Dakar, e está na origem da criação do Instituto Cultural Africano. — (FP)

NOVO SECRETARIO DO VATICANO

GENES, 24 — O Vaticano inqueriu, discretamente, a disponibilidade do Cardeal Giuseppe Siri, arcebispo de Genes, para suceder o cardeal Jean Villot, na Secretaria do Estado afirmou, na quarta-feira passada, «A República», em notícia datada de Genes. — (FP)

Assinalado em Bissau o 60.º aniversário da Konsomol

● Oferta da juventude soviética à JAAC

O 60.º aniversário da fundação da Juventude Comunista Leninista da União Soviética (Konsomol) foi assinalado anteontem na sede da Udib, com uma sessão solene a que assistiram, além de representantes dessa organização, os camaradas Otto Schacht, Secretário do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC, Francisco da Silva (Chico Bá), responsável da Juventude Africana Amílcar Cabral (JAAC) e jovens militantes das organizações juvenis do nosso país, Cuba e RDA. Depois da intervenção do camarada Otto Schacht que abriu a sessão, usaram de palavra para se referirem ao significado da data, representantes da Konsomol, JAAC, UJC (União da Juventude Comunista cubana) e FDJ (Juventude Livre Alemã).

Durante o acto, foram lidas duas moções da assembleia da JAAC, reunida em Bissau de 23 a 26 deste mês. Sendo a primeira de felicitações à Konsomol e a segunda de reafirmação de solidariedade para com as organizações progressistas de todos os países e em particular com a juventude dos movimentos de libertação que lutam pela sua soberania e independência.

A cerimónia culminou com a inauguração, pelo camarada Otto Schacht, da exposição alusiva ao 60.º aniversário da Konsomol, seguindo-se a projecção de um filme sobre a Revolução Socialista de Outubro.

Ainda no quadro da solidariedade e cooperação entre a JAAC e a Konsomol, foi efectuada ontem a entrega, na sede da nossa organização juvenil, de uma oferta do Comité Central da Juventude Comunista Leninista da União Soviética que compreendia rádios receptores, aparelhos projectores de cinema, com ecrans e peças de reserva, sapatilhas e bombas de ar para encher bolas. A entrega foi efectuada pelo Chefe da delegação do CC da Konsomol, Valeri Kulaev.

BREVE HISTORIAL DA KONSOMOL

Criada a 29 de Outubro de 1918, em Moscovo, no primeiro Congresso das associações da juventude operária e rural de toda a Rússia que reuniu 176 delegados representantes de 22 mil membros das associações juvenis, a KONSOMOL nasceria com o nome da União da Juventude Comunista da Rússia — UJCR.

Desde os primeiros dias da sua existência, a Konsomol demonstrou na prática a fidelidade aos delegados do Partido Bolchevique, aos ideiais do grande Outubro, que lhe abriu amplas possibilidades para o trabalho livre e a instrução, defendendo as suas conquistas na luta contra os reaccionários e os intervencionistas estrangeiros.

Lenine, que considerava que a juventude devia construir e terminar aquilo que haviam começado as gerações mais velhas, morre no dia 21 de Janeiro de 1924. A Konsomol, em sinal de devoção e fidelidade às ideias do fundador do Estado soviético, no seu 6.º Congresso, realizado no mesmo ano, toma a decisão de atribuir à UJCR o nome de União da Juventude Comunista Leninista da União Soviética — KONSOMOL.

Aristides Pereira

(Continuação da pág.ª 1)

oficial de quatro dias à República Popular de Angola, a convite do seu presidente, Agostinho Neto. As duas delegações, encabeçadas pelos respectivos presidentes, entabularam conversações durante as quais fizeram o ponto da cooperação bilateral entre os partidos e governos dos dois Estados amigos, com vista a concertar os principais métodos do seu desenvolvimento ulterior.

Falando ainda durante a recepção oficial, o Secretário-Geral do PAIGC, denunciou as provocações permanentes dos regimes racistas da Africa do Sul e da Rodésia contra Angola e outros países de **«primeira linha»**. Por outro lado, apelou ao combate contra estas tentativas, através da unidade e solidariedade de todos os povos da Africa em luta contra o imperialismo, o neo-colonialismo, o racismo e o apartheid.

Referindo-se às conquistas do povo angolano, Aristides Pereira fez notar que a Revolução angolana ultrapassou as fronteiras do seu país. Hoje, salientou, ela não tem somente um porte pan-africano, mas reveste-se também de uma verdadeira importância internacional.

Luiz Cabral regressou da Libéria

(Continuação da pág.ª 1)

será estabelecida por via diplomática. Recordamos que o chefe de Estado da Libéria foi o segundo Presidente a visitar o nosso país após a libertação.

Segundo Luiz Cabral, **«já em 1974, em homenagem à nossa luta de libertação nacional e à memória do fundador da nacionalidade, o Presidente Tolbert Júnior inaugurou, em Monróvia, uma aldeia com o nome de Amílcar Cabral»**. Nessa sua viagem, o chefe de Estado da Guiné-Bissau ofereceu ao seu homólogo liberiano um busto de Amílcar Cabral em resposta ao pedido que lhe havia sido formulado por William Tolbert, no sentido do mesmo ser erigido na aldeia, por ocasião da próxima cimeira da OUA a realizar-se naquela capital.

Os contactos entre as duas partes versaram mais precisamente a análise aos problemas das relações entre os dois países e os acontecimentos de actualidade política internacional, nomeadamente da Africa. Antes do seu regresso, o Presidente Luiz Cabral visitou o centro das conferências onde decorrerá a próxima cimeira e o hotel onde estarão hospedados os chefes de Estado visitantes.

No comunicado conjunto assinado, «a consolidação da unidade e solidariedade africana, a procura, por meios pacíficos, das resoluções de conflitos e o encorajamento à cooperação inter-africana em todos os níveis e domínios, e o estabelecimento do mais justo equilíbrio do sistema económico mundial» constituiram a tónica dominante.

Ao renovarem o seu encorajamento e apoio à concretização dos objectivos da CEDEAO, os presidentes Luiz Cabral e Tolbert Júnior «expressaram a sua firme convicção de que a independência política está ameaçada quando persiste a dependência económica».

Os dois presidentes condenaram a degradante política do «apartheid» em todos os seus aspectos e realçaram a luta pela independência na Namíbia «que chegou a um impasse crítico, pela obstinação do regime racista sul-africano, em rejeitar o plano das Nações Unidas de uma completa independência desse território, sob a direcção dos representantes legítimos do seu povo». Condenaram, portanto, com veemência, a «decisão unilateral da Africa do Sul de realizar eleições na Namíbia, como uma artimanha para manter a situação interna, escolhendo um dirigente fantoche para o povo namíbio».

De acordo ainda com o comunicado conjunto da visita, os dois chefes de Estado condenaram os ataques racistas da Rodésia, à Zâmbia e a Moçambique, «um perigo para a paz e segurança internacionais».

Reafirmaram o seu engajamento sem reservas na concretização dos princípios ideais da OUA, ONU e do Movimento dos Não-Alinhados, que são «um instrumento para a promoção de uma paz global e segura».

Enquanto William Tolbert felicitou Luiz Cabral pela sua política de consultas e o dinamismo que continua a imprimir nos programas de desenvolvimento da República da Guiné-Bissau», para o progresso do nosso povo, o chefe do nosso Estado, por sua vez, elogiou o dirigente Liberiano pela sua política de equacionamento e implantação de variados programas de desenvolvimento que trouxeram um progresso significativo para a nação e seu povo».

Contamos apresentar no próximo número o comunicado conjunto.

Reforço da cooperação PAIGC-PCUS

(Continuação da pág.ª 1)

Falando aos jornalistas, na quinta-feira, aquele membro do CEL, que encabeçou uma delegação da Direcção do nosso Partido numa visita de duas semanas à URSS, manifestou igualmente a convicção de que os resultados desta missão contribuirão para alcançar os objectivos do PAIGC e do PCUS: reforçar as já longas relações de solidariedade, de confiança e amizade entre os dois Partidos, **«relações essas que possibilitaram que a União Soviética désse uma ajuda considerável, em todos os domínios, à nossa luta de libertação nacional, ajuda que foi decisiva para podermos derrotar os colonialistas e libertar as nossas terras da Guiné e Cabo Verde, e que permitiram que, depois da libertação dos nossos países, se estabelecesse uma cooperação entre os nossos Estados e a URSS, que dá agora a sua contribuição, nesta fase da reconstrução nacional»**.

A delegação que acaba de visitar a União Soviética, «no quadro normal das relações entre o PAIGC e o PCUS», além do Secretário Executivo do CEL, incluía os camaradas Olívio Pires, do CEL e Secretário do Conselho Nacional de Cabo Verde, e Mamadu Alfa Djaló, do CSL. Cumpriu um vasto programa de contactos e reuniões de trabalho com dirigentes e responsáveis do PCUS, de diversas organizações de massas e de organismos estatais, tendo ainda visitado a República Socialista Soviética da Kirghizia.

A nível partidário, a nossa delegação teve uma sessão de trabalho com Boris Ponamariov, membro suplente do Bureau Político e Secretário do Comité Central responsável pelas relações internacionais, **«uma pessoa que nos conhece já há muitos anos, que várias vezes recebeu o camarada Amílcar Cabral, que acompanhou a nossa luta e que conhece bem a situação em que vivemos»**. Foi uma reunião **«de grande utilidade, em que expusémos a situação que prevalece neste momento nos nossos países e em que discutimos vários aspectos da política internacional e das relações externas dos nossos Partidos»**. A delegação visitou também o departamento de organização do Comité Central, onde lhe foi feita uma pormenorizada exposição sobre a organização e o funcionamento das estruturas do PCUS.

«Contactámos diversas organizações de massas e, em primeiro lugar, o Comité das Organizações de Juventude, onde tivémos conversações com o seu presidente, que é o responsável do departamento de Relações Internacionais da Konsomol. Visitámos ainda o Conselho Central dos Sindicatos, o Comité das Mulheres e o Comité Soviético de Solidariedade Afro-Asiática, organizações que manifestáramos o desejo de contactar, pois temos com elas relações antigas, que datam ainda dos tempos da luta armada de libertação nacional, durante a qual deram, no âmbito das suas actividades, uma ajuda bastante apreciável ao nosso Partido. Estivémos também na União das Associações de Amizade com os Povos, que tem relações amigas e estreitas com a nossa Associação de Amizade Guiné-Bissau-União Soviética. A todas estas organizações de massas, tivémos a preocupação de transmitir — e, através dos seus activistas e dos seus membros, a todo o povo soviético — o nosso reconhecimento pela sua contribuição ao desenvolvimento da nossa luta de libertação».

No cumprimento do intenso programa que a nossa delegação cumpriu, realizaram-se diversos contactos com organismos estatais, nomeadamente no Ministério dos Negócios Estrangeiros, no Ministério das Pescas e no Comité estatal para as Relações Económicas com o estrangeiro. De acordo com o camarada José Araújo, **«em todos esses departamentos abordámos problemas actuais da nossa vida, da nossa situação e também questões da actualidade internacional. Vimos, da parte dos nossos interlocutores que os nossos amigos soviéticos apoiam a nossa orientação de não-alinhamento anti-imperialista e apreciam as posições que tomámos, no plano internacional, em defesa da luta de libertação dos povos e também noutros domínios tais como na defesa da paz, do desarmamento, etc»**. No Ministério das Pescas, a delegação constatou um grande interesse, da parte soviética, pelos nossos problemas ligados àquele sector: **«Verifica-se uma nítida melhoria das actividades da empresa mista guineense-soviética «Estrela do Mar», que começou a ser rentável, e as perspectivas são boas, havendo vários projectos, uns já em execução, outros em estudo. Trata-se de um sector em que a cooperação estre nós e a União Soviética poderá trazer frutos apreciáveis»**.

Uma visita de informação ao Conselho de Ajuda Mútua Económica (CAME), onde se realizou uma sessão de trabalho «muito interessante», que permitiu à nossa delegação conhecer melhor aquela organização económica da comunidade socialista, foi o último ponto do programa em Moscovo. Depois, os representantes do PAIGC visitaram a República da Kirghizia, onde foram acolhidos calorosamente pelos dirigentes locais, alguns deles velhos amigos do nosso Partido. As impressões foram as melhores: **«Foi uma visita muito interessante, porque pudémos constatar o progresso extraordinário daquela República, depois da instalação do poder soviético. A Kirghisia era um país de analfabetos, muito atrasado, mas hoje, graças à nova orientação, ao trabalho do seu povo e à fraternidade existente no seio da comunidade soviética, conseguiu em pouco tempo realizar progressos extraordinários»**. O acolhimento de grande fraternidade, amizade e entusiasmo com que o povo da Kirghizia a delegação do PAIGC, foi «mais um testemunho da amizade que existe entre o nosso povo e o povo soviético».